



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

ANA PAULA OLIVEIRA SOUSA

PodEdu

GOIÂNIA

2024

ANA PAULA OLIVEIRA SOUSA

PodEdu

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção de título de Mestra em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Linha de pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira.

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sousa , Ana Paula Oliveira
PodEdu [manuscrito] / Ana Paula Oliveira Sousa . - 2024.
XXXI, 31 f.

Orientador: Prof. Ilma Socorro Gonçalves Vieira .
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui gráfico, tabelas, lista de tabelas.

1. Enem. Redação nota 1000. Podcast. PodEdu. I. Vieira , Ilma Socorro Gonçalves, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº [número] da sessão de Defesa de Dissertação de **Ana Paula Oliveira Sousa**, que confere o título de **Mestra em Ensino na Educação Básica**, na área de concentração em **Ensino na Educação Básica**.

Aos **sete dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro**, a partir das **14 horas**, por **videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada “A redação do ENEM: uma análise das possibilidades do trabalho com a Língua Portuguesa na sala de aula” e do Produto Educacional intitulado PodEdu. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Ilma Socorro Gonçalves Vieira (Cepae-UFG)** com a participação das demais membras da Banca Examinadora: Professora Doutora **Flávia Motta de Paula Galvão (Cepae-UFG)**, membra titular externa; Professora Doutora **Leticia de Souza Gonçalves (Cepae-UFG)**, membra titular interna. Durante a arguição as membras da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada**. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Ilma Socorro Gonçalves Vieira**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelas membras da Banca Examinadora, aos **sete dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Goncalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 07/06/2024, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leticia De Souza Goncalves, Professor do Magistério Superior**, em 07/06/2024, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Motta De Paula Galvao, Professor do Magistério Superior**, em 09/06/2024, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4576416** e o código CRC **487F37AA**.

Referência: Processo nº 23070.025749/2024-17

SEI nº 4576416

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Podcast

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O material paradidático, em formato de *Podcast*, traz reflexões sobre as práticas de sala de aula envolvendo o ensino da Língua Portuguesa e a Redação para o Enem. Ele é destinado a professores, estudantes do Ensino Médio e comunidade em geral que se interessa pela educação.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Professores de Língua Portuguesa e alunos do Ensino Médio.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

- Ensino
- Aprendizagem
- Econômico

- Saúde
- Social
- Ambiental
- Científico

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) **em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores** (inicial, continuada, cursos etc.)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação:

O produto educacional foi vivenciado com duas professoras de Língua Portuguesa e Redação, em estúdio para gravação das entrevistas do Instituto Federal Goiano (Reitoria), em Goiânia, no ano de 2024. A outra parte da atividade foi realizada com duas alunas, também do IF Goiano, por meio de entrevistas realizadas de forma virtual, pelo WhatsApp, no ano de 2024. A vivência durou em média 10 horas.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta

método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui (marque somente uma alternativa):

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB

Cooperação com outra instituição

Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

Sim () Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

Licença Creative Commons

Domínio de Internet

Patente

Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, minicurso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

O Produto Educacional foi apresentado no X Seminário de Dissertações do PPGEEB-CEPAE/UFG, em 17 de abril de 2024.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim () Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível
no link:

Inserir link educapes

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual
é fruto, na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás**

(UFG) (<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>)

SOUSA, Ana Paula Oliveira. **PodEdu**. 2024. 31 f. Produto educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

RESUMO

Este Produto Educacional, em forma de *podcast*, apresenta, por meio de entrevistas, os resultados de uma pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional *Stricto sensu* do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-CEPAE-UFG), sobre redações do Enem e práticas desenvolvidas em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2021 e 2024, dentro da Linha de Pesquisa “Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes, e resultou na dissertação intitulada “A Redação do Enem: uma análise das possibilidades do trabalho com a língua portuguesa na sala de aula” e neste Produto Educacional. Para compor este Produto, foram desenvolvidos dois episódios do programa PodEdu, em formato de áudio, abordando os desafios enfrentados por professores e alunos para obter sucesso, especialmente, nas redações do Enem. Houve encontros presenciais e remotos para a realização das entrevistadas, as quais foram precedidas de explicações sobre a dinâmica prevista e a temática central das discussões propostas, além da apresentação de uma prévia do roteiro do episódio que seria gravado. A construção do conteúdo foi inspirada nos estudos de Passarelli (2013?), Candido (2011), Andruetto (2017), Bourdieu (1999), Colomer (2017), entre outros. Os instrumentos para a coleta de dados foram gravadores e celulares para registro das entrevistas (áudios), em estúdio e também via *WhatsApp*, além de bloco de anotações. O resultado do trabalho será publicado, como uma nova possibilidade para que outros profissionais da educação e estudantes, principalmente do Ensino Médio, possam dar voz ao seu conhecimento e contar as suas histórias por meio dessa mídia interativa e democrática.

Palavras-Chave: Enem. Redação nota 1000. *Podcast*. PodEdu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 Sobre a mídia digital <i>podcast</i>.....	13
2 Planejamento e construção do <i>podcast</i>.....	14
2.1 Metodologia	14
2.2 Roteiro do <i>podcast</i> PodEu	15
3 Acesso ao <i>podcast</i>	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICES.....	21

Introdução

Este Produto Educacional consiste em um *podcast*, intitulado “PodEdu”, resultante da pesquisa de mestrado, cuja dissertação se inscreve sob o título “A Redação do Enem: uma análise das possibilidades do trabalho com a Língua Portuguesa na sala de aula”. A elaboração da dissertação e a construção deste produto são requisitos exigidos no curso de Mestrado Profissional oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-Cepae-UFG), para a obtenção do grau de Mestre em Ensino na Educação Básica.

O produto se apresenta em forma de programa de áudio, contendo entrevistas com professoras de Língua Portuguesa e produção de texto e também com alunas que fizeram a prova do Enem, em 2023, e tiveram pontuação de destaque na prova de Redação.

As atividades relacionadas à produção e desenvolvimento da mídia digital começaram após a finalização da etapa da pesquisa-ação realizada no Instituto Federal Goiano – Campus Trindade (em outubro de 2023), que envolveu: questionário com professores de Língua Portuguesa; produção textual e questionários com alunos da 3ª série do Ensino Médio Técnico dos cursos de Eletrotécnica e Informática para Internet. Elas aconteceram paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e documental relacionada à queda no desempenho dos estudantes nas redações do Enem, entre os anos de 2019 e 2021.

Desse modo, como o objetivo que norteou todo este trabalho foi o de compreender por que o número de redações nota 1000 do ENEM tem caído, a cada ano, e qual o contexto educacional, social e econômico em que estão inseridos os estudantes e professores do Ensino Médio Técnico, ampliamos o desenvolvimento da nossa pesquisa, em relação ao que estava programado inicialmente, para compreender um pouco mais também sobre a realidade que estaria posta, após a realização do Exame Nacional do Ensino Médio no ano de 2023, já no ano de 2024.

O Produto Educacional está dividido em dois episódios, sendo que o tema de ambos é a Redação no Enem. No primeiro, discutimos com as professoras de Língua Portuguesa diversos assuntos, entre eles: a queda do número das redações nota 1000 no exame; a baixa quantidade de notas máximas nas escolas públicas (apenas 4 em 2023, do total de 60 textos nota 1000); os gargalos que precisam ser superados; as contribuições

da leitura literária no desenvolvimento de práticas de escrita; o modelo “engessado” do texto dissertativo-argumentativo do Enem.

No segundo episódio do *podcast*, foram entrevistadas duas alunas do Instituto Federal Goiano, que se destacaram pelas notas 920 e 980 nas redações do Enem 2023. Na entrevista, as estudantes compartilham experiências sobre a preparação para o exame, falam a respeito da importância da familiaridade com leitura, escrita e interpretação de textos, dão dicas para quem se prepara para fazer o Enem 2024 e apontam o que pode ter feito a diferença na caminhada de estudos delas.

Para desenvolver o trabalho de entrevistas e organização do roteiro, foram selecionados assuntos pertinentes ao desenvolvimento das atividades de produção textual na sala de aula, assim como a preparação do aluno para o Enem, além do papel do investimento em leitura e literatura e a sua relação com a escrita de textos dissertativo-argumentativos. Também pensamos no relato das estudantes para elucidar e compreender um pouco sobre o processo de preparação para uma prova tão importante como o Enem.

O trabalho apoiou-se teoricamente em autores que valorizam o texto dissertativo-argumentativo e todas as suas nuances, como é o caso de Passarelli (2013?); que destacam o papel da formação do leitor literário na Educação Básica e apontam a literatura como meio para acessar o capital cultural, como Andruetto (2017), Bourdieu (1999), Candido (2011), Colomer (2017), entre outros.

Ressaltamos que o desenvolvimento do *podcast*, além da pesquisa desenvolvida ao longo de todo esse trabalho, nos permite refletir sobre os critérios avaliativos utilizados na correção do texto dissertativo-argumentativo proposto no Enem, bem como as competências exigidas para o candidato atingir uma boa pontuação, entender práticas específicas de professores em sala de aula e reforçar o papel da leitura e da literatura na formação dos jovens estudantes.

1 Sobre a mídia digital *podcast*

O *podcast* é uma das formas de conteúdo digital, por meio de áudio ou vídeo, que permite o acesso a conteúdos dos mais variados assuntos, em qualquer lugar e a qualquer tempo. Sua origem foi no ano 2000 e, ainda hoje, um dos meios mais conhecidos para a divulgação dos áudios são os arquivos MP3.

Os autores Couto e Martino (2018) definem que a ideia de “*podcast*” parece se desenvolver em torno de um núcleo relacionado à produção sonora no ambiente das mídias digitais, mas sem especificar de maneira completa as características que permitissem delimitar as diferenças entre um *podcast* e outras formas de produção e circulação da comunicação. Se a questão sonora, à princípio, parece se impor, vale observar, no entanto, que ideias como “produção colaborativa” e “mobilidade” também são associadas à tal questão.

Freire (2013) define a reprodução de oralidade por um meio tecnológico como “tecnologia de oralidade”. Nesse sentido, pode-se afirmar que o *podcast* consiste em um modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade, também podendo veicular músicas/sons. Pode ainda ser aplicado àquelas tecnologias que permitem a sofisticação do manejo da oralidade em suas instâncias de produção e distribuição, como o *podcast* e o rádio. Por outro lado, essas tecnologias permitem, por exemplo, a modificação das dinâmicas vocais pelo uso de edição, bem como pela inserção de sonoplastias, além de disporem, para a oralidade, da possibilidade de revisão expressiva, tida como típica da escrita.

No caso deste Produto Educacional, utilizamos esse modelo de mídia para compartilhar conhecimento, por considerá-lo prático, democrático, conhecido, com boa aceitação pela sociedade e que pode ser, facilmente, difundido e replicado pelos jovens estudantes.

2 Planejamento e construção do *podcast*

2.1 Metodologia

A intenção do *podcast* foi desenvolver um espaço para aprendizado e entrevistas, por meio de um diálogo aberto, fluido e democrático sobre educação e os caminhos que ainda precisam ser conquistados para atingir uma melhor qualidade do ensino, especialmente na última série do Ensino Médio e em exames como o Enem – uma das maiores portas de entrada para o Ensino Superior no país, conforme já fora mencionado.

Para os dois episódios deste trabalho, participaram duas professoras de Língua Portuguesa, que são servidoras do Instituto Federal Goiano, e duas alunas que concluíram o Ensino Médio Técnico na mesma instituição, no ano de 2023, e foram destaque na Redação do Enem do ano anterior. As professoras, que também são pesquisadoras, foram escolhidas em função de suas atividades no IF Goiano e também por seus trabalhos extraclasses, bem como pelo currículo e experiência de ambas com o ensino de Língua Portuguesa, leitura, literatura e produção textual. Por sua vez, as alunas foram indicadas por seus respectivos campus e professores de Língua Portuguesa.

Destacamos que todas as atividades envolvendo a produção do *podcast* foram realizadas após o resultado do Enem do ano de 2023, e isso aconteceu apenas no ano de 2024. Antes, porém, conversas informais e preliminares já haviam sido feitas com as colegas professoras que, posteriormente, participariam do momento de gravação das entrevistas. Sendo assim, a coleta de dados foi realizada da seguinte forma: levantamento das informações sobre as professoras e os sujeitos da escola e checagem do resultado final do exame (Enem) em janeiro de 2024. Em seguida, docentes e discentes foram, finalmente, convidados a participarem da gravação deste Produto Educacional.

O primeiro episódio do programa de áudio foi gravado no estúdio da Reitoria do Instituto Federal Goiano, na capital Goiânia. Além da pesquisadora e das duas professoras, uma servidora da Diretoria de Comunicação da Reitoria participou do trabalho, auxiliando na atividade de gravação das entrevistas. A etapa que se seguiu foi a edição do *podcast*, realizada pelo programa CapCut.

As gravações das entrevistas com as alunas do IF Goiano, para o segundo episódio, foram realizadas e enviadas via *WhatsApp* (considerando a dificuldade de locomoção da pesquisadora e das entrevistadas) e também editadas pelo mesmo programa.

2.2 Roteiro do *podcast* PodEdu

EPISÓDIO 1

POD EDU – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS CONVIDADAS MARIA LUIZA BRETAS E SARAH BERTOLLI

Olá, pessoal! Bom dia, boa tarde, boa noite, sejam todos bem-vindos!

Eu sou Ana Paula Sousa, servidora pública, jornalista e licenciada em Letras/Português, mãe do Davi e da Isis e mestranda em Educação Básica pela UFG. Começamos hoje nosso Pod Edu. Esse espaço é destinado a debates sobre assuntos educacionais, acadêmicos, vida profissional ou carreira de jovens e adultos que estão começando ou já estão na estrada há algum tempo. O tema desse nosso primeiro encontro é redação do Enem e trouxemos duas convidadas muito especiais para esse bate-papo que será repleto de boas informações e conhecimentos. A gente começa apresentando as duas convidadas: Maria Luiza e Sarah

Professora Maria Luiza Bretas é atualmente docente do Instituto Federal Goiano, no Campus Avançado Ipameri, onde leciona para o nível médio, graduação e pós-graduação na área de linguagens. É graduada, mestra e doutora em Letras pela UFG. Seu Pós-doutorado foi realizado pelo IF Goiano, na área de Ciências Agrárias. Tem 9 livros publicados em que analisa o papel da leitura e da formação de leitores na escola e na sociedade.

Sarah Bertolli é também servidora do Instituto Federal Goiano, revisora de textos e coordenadora da Editora na Reitoria do IF Goiano. É Graduada em Letras/Português e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Goiás, além de autora de livros didáticos e literários. Também é amante da leitura e dos livros.

Entrevista com a Prof^ª Maria Luiza

P1: Prof^a Maria Luiza, de acordo com dados do INEP, no ano de 2023, tivemos apenas 60 notas 1000 nas redações do Enem em todo o Brasil, e destas somente 4 foram de escolas públicas. Na sua opinião, o que estes números revelam?

P2: No Campus Ipameri, do Instituto Federal Goiano, como a disciplina é desenvolvida na sala de aula? Existem grandes discrepâncias entre o desempenho dos alunos, entre as notas na prova de redação?

P3: Sabemos que existem gargalos que precisam ser superados na escola pública no Brasil. O que é mais urgente para ser feito e superado?

Entrevista com Sarah Bertolli

P1: Falando um pouco sobre leitura e desenvolvimento de práticas de escrita, de que forma a leitura interfere na vida escolar desses jovens estudantes que se preparam para o Enem?

P2: Ainda sobre a leitura, como a escola e os professores podem contribuir para que a prática da leitura e escrita sejam rotina no desenvolvimento desses estudantes?

P3: Na sua opinião, o modelo dissertativo-argumentativo cobrado na redação do Enem engessa a escrita dos alunos ou os prepara para o futuro desafiador que terão pela frente?

EPISÓDIO 2

POD EDU – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS ALUNAS SAMIRA E ANA CLÁUDIA

*VINHETA

Olá, pessoal! Bom dia, boa tarde, boa noite, sejam todos bem-vindos ao nosso segundo encontro do Pod Edu. Nesse espaço destinado a debates sobre assuntos educacionais, acadêmicos e vida profissional continuamos hoje o tema do primeiro episódio sobre

redação do Enem, agora com duas alunas do Instituto Federal Goiano que foram destaque na prova de redação do ano de 2023.

#ENTRA MÚSICA VINHETA

Vamos começar com a aluna do Campus Trindade, Samira Fonseca, que concluiu a 3ª série do Ensino Médio Técnico em Informática para Internet e tirou nota 920 na redação do Enem.

1. Prezada Samira, primeiramente, quero te cumprimentar e parabenizar pelo sucesso em sua redação no Enem 2023. Sabemos que atualmente o índice de redações excelentes no Enem tem caído ano após ano, especialmente nas escolas públicas, e seu resultado nos mostra que os alunos dessas escolas podem ter sucesso nessa caminhada. Conta para nós como foi a sua preparação para essa prova?
2. Em relação às leituras e vivências ofertadas pela escola e professores, o que você destacaria como fundamental para o seu desempenho?
3. Qual a sua familiaridade com a Língua Portuguesa, interpretação de textos e Redação? Sempre gostou de ler e escrever?
4. Além de treinamento, estudo, o que você aponta como o diferencial para o sucesso da sua caminhada?
5. O que você diria para outros alunos que se preparam para fazer o Enem nesse ano de 2024, quais seriam suas dicas?

#ENTRA MÚSICA VINHETA

Agora vamos falar com a aluna do Campus Avançado Ipameri, Ana Cláudia Assis, que concluiu a 3ª série do Ensino Médio Técnico em Comércio Integrado e tirou nota 980 na redação do Enem.

1. Olá, Ana Cláudia, primeiramente, quero te cumprimentar e parabenizar pelo sucesso em sua redação no Enem 2023. Sabemos que atualmente o índice de redações excelentes no Enem tem caído ano após ano, especialmente nas escolas públicas, e seu resultado nos mostra que os alunos dessas escolas podem ter

sucesso nessa caminhada. Conta para nós como foi a sua preparação para essa prova?

2. Em relação às leituras e vivências ofertadas pela escola e professores, o que você destacaria como fundamental para o seu desempenho?
3. Qual a sua familiaridade com a Língua Portuguesa, interpretação de textos e Redação? Sempre gostou de ler e escrever?
4. Além de treinamento, estudo, o que você aponta como o diferencial para o sucesso da sua caminhada? O que você diria para outros alunos que se preparam para fazer o Enem nesse ano de 2024, quais seriam suas dicas?

3 Acesso ao *podcast*

O *podcast* PodEdu estará disponível na plataforma como Spotify, possibilitando a escuta, aprendizado e utilização do material de forma gratuita a todos os que tiverem interesse pela temática “educação e redação do Enem”.

Figura 1 – Plataforma em que *Podcast* PodEdu está disponível



Fonte: elaborado pela autora (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto educacional “*Podcast: PodEdu*” foi fundamental para aprofundar pontos relevantes desta pesquisa, especialmente após o resultado de uma das provas mais importantes do país, para os alunos que estão concluindo o Ensino Médio, o Enem. Por meio de entrevistas com professoras e com alunas, compreendemos pontos fortes e fracos na preparação dos estudantes, entendemos que a leitura e a escrita estão intimamente relacionadas e são aliadas em prol da construção de textos de excelência.

Além disso, percebemos que o professor da escola pública tem desafios a serem superados, que começam desde a falta de infraestrutura escolar, passam pelas carências educacionais dos alunos, que não foram supridas no decorrer das primeiras etapas da Educação Básica, e se esbarram na falta de investimentos em políticas públicas de acesso a bens culturais essenciais na formação do repertório sociocultural das crianças e dos jovens no Brasil, como é o caso do livro literário. Por outro lado, não podemos perder de vista que esse professor se depara também com estudantes altamente interessados pelos estudos, dedicados e com futuro promissor.

O *podcast* PodEdu veio com a perspectiva de abrir caminhos para novos debates relacionados à educação, desde à Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, até chegar à graduação e pós-graduação. As portas estão abertas para que outros personagens enriqueçam esse espaço educacional e também nos contem suas histórias de vida e trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRUETO, Maria Tereza. **Elogio da dificuldade: formar um leitor de literatura.** A leitura, outra revolução. São Paulo: Sesc-SP. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação* / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2o edição. pp. 71-79.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** In: Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. 272 p.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2017.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Dimensões da pesquisa sobre *podcast*:** trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico.** *Educ. Form. Tecnol.*, Monte da Caparica, v. 06, n. 01, p. 35-51, jun. 2013. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-933X2013000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 maio 2024.

OLIVEIRA, Rute Rocha de; MACIEL, Luana Maria Coelho Gomes Sousa; BANDEIRA, Maria Beatriz da Rocha; OLIVEIRA, Rafaele Sena; SANTOS, Francisco Edvander Pires. **Descobrimo a biblioteca em podcast:** produção e edição de episódios para o PodArtigos. *Encontros Universitários da UFC, Fortaleza*, v. 6, n. 11, p. 4952, 2021.

PASSARELLI, L. M. G. **A produção do texto dissertativo-argumentativo.** São Paulo: Cortez, [2013?].

APÊNDICES

APÊNDICE A - Transcrição entrevistas Maria Luiza Bretas e Sarah Bertolli

Ana Paula – Olá, pessoal! Bom dia, boa tarde, boa noite, sejam todos bem-vindos! Eu sou Ana Paula Sousa, servidora pública, jornalista e licenciada em Letras/Português, mãe do Davi e da Isis e mestranda em Educação Básica pela UFG. Começamos hoje nosso POD EDU. Esse espaço é destinado a debates sobre assuntos educacionais, acadêmicos, vida profissional ou carreira de jovens e adultos que estão começando ou já estão na estrada há algum tempo. O tema desse nosso primeiro encontro é redação do Enem e trouxemos duas convidadas muito especiais para esse bate-papo que será repleto de boas informações e conhecimentos. A gente começa apresentando as duas convidadas: Maria Luiza e Sarah. Professora Maria Luiza Bretas é atualmente docente do Instituto Federal Goiano, no Campus Avançado Ipameri, onde leciona para o ensino médio, graduação e pós-graduação na área de linguagens. É graduada, mestra e doutora em Letras pela UFG. Seu Pós-doutorado foi realizado pelo IF Goiano, na área de Ciências Agrárias. Tem 9 livros publicados em que analisa o papel da leitura e da formação de leitores na escola e na sociedade. Sarah Bertolli é também servidora do Instituto Federal Goiano, revisora de textos e coordenadora da Editora na Reitoria do IF Goiano. É Graduada em Letras/Português e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Goiás, além de autora de livros didáticos e literários. Também é amante da leitura e dos livros. Agora nós vamos começar com a nossa entrevista. Professora Maria Luiza, de acordo com os dados do Inep, no ano de 2023, tivemos apenas 60 notas 1000 nas redações do Enem em todo o Brasil. E destas, somente quatro foram escolas públicas. Na sua opinião, o que esses números revelam?

Maria Luiza – Olá, Ana Paula, primeiramente obrigada viu pela oportunidade de falar de algo que eu gosto muito e principalmente ladeada aqui pela minha amiga Sara, aqui do IF Goiano, também colega aí da editora e tantas outras parcerias, né? E o pessoal também da comunicação. Bom, o que que esses números revelam? Revelam muitas coisas, muitas coisas e não muito boas, né? É, mas para mim, como professora, educadora, professora de ensino médio de escola pública do interior do Estado de Goiás, tem uma motivação muito maior, né? Que é de você perceber. Para mim, além de muitas outras questões, nós temos a pior de todas é que a nossa escola continua sendo excludente. Muito excludente, não é? E veja bem, 60 notas 1000 nas redações do Enem e apenas quatro das escolas públicas. Quer dizer, nós sabemos que os alunos, esses 54 alunos, né, que tiraram notas 1000, vem de uma camada da população muito privilegiada, bastante privilegiada, de uma escola particular que onde eles podem fazer redações toda semana, onde eles viajam, são alunos que viajam o Brasil inteiro, o mundo inteiro, que conhecem muita coisa, que tem acesso a bens culturais, a diversas oportunidades. E eles estão competindo, a gente não pode dizer nunca em pé de igualdade, com os alunos da escola pública. Eu vou dar só um exemplo muito simples para vocês que acabou de me acontecer. No final do ano passado. Em novembro, eu levei 50 alunos meus do ensino médio do terceiro ano do Instituto Federal Goiano do Campus Avançado Ipameri. Ali, com mais ou menos uns 20 alunos de uma de uma cidade até menor do que Ipameri, de Campo Alegre, e os levei para São Paulo. E, obviamente, eu precisava pedir um relatório dessa viagem como produção textual. Não é apenas ir, é uma visita técnica, né? E voltar. E um dos meus alunos, todos eles, fizeram muitas observações sobre a viagem e um deles fez uma observação que me chamou muito a atenção. Ele disse que não comentou com os colegas porque ele tinha vergonha, mas ele ficou assim bastante envergonhado de ter medo de

andar de escada rolante pela primeira vez, que ele não sabia como é que ia ser. Quer dizer, isso para um aluno da capital e de uma escola particular, isso para ele é tão comum e tão simples. É coisa que ele faz final de semana com os pais. Vai ali em São Paulo assistir um teatro, assistir um show e volta. Como é que esse nosso aluno vai competir em pé de igualdade com esses meninos? Não tem como. Não é? É assim. Parece uma coisa boba, mas isso diz muito, não é? A discrepância é tão grande entre uma realidade e outra, que quando você coloca isso na ponta do lápis, numa redação, ela aflora, ela aflora, não é? E aí é assim. Como professora de produção textual mesmo no início do ano eu faço primeira aula de produção textual. Eu faço uma avaliação diagnóstica com os meus alunos. Em geral, eu passo a mesma redação do Enem. Porque você olha, eles já conversaram sobre aquilo, já tiveram oportunidade de ver e tudo. Então eles têm também, acredito eu, muita bagagem para falar sobre aquilo, não é? Mas o que que essa avaliação diagnóstica geralmente me mostra? Ela me revela uma dificuldade, uma defasagem enorme de utilizar um repertório sociocultural que são o conhecimento, os conhecimentos que as pessoas têm das diversas áreas, não é? E que a gente trabalha no ensino médio e que ele consegue colocar ali dentro daquela redação. Aí eu me pergunto como é que eu, como professora de um terceiro ano de uma escola pública do interior de Goiás, vou fazer para ajudar esse meu aluno em apenas um ano, em apenas um ano. É tampar, né? Tampar esse buraco, esse gap de conhecimento que ele tem, essa falta de leitura que ele tem de 12 anos de escolaridade, aí isso é muito complicado, né? Então, além dessa questão de ser excludente, também tem várias outras, né? Que aí é muita gente. A gente tem um texto aí antigo que diz assim de quem é a bola e que o professor fala que o problema está na sociedade, na família. Aí a família vai dizer que é do governo, o governo vai dizer que é da escola, a escola e por aí vai. Na realidade, o nosso problema da educação, essa falta que esses meninos têm, essa dificuldade, é todo uma somatória de responsabilidades que muitas vezes são deixadas de lado. É muito mais fácil você esquecê-las, você não considerá-las, não ir atrás e continuar jogando a bola para outros segmentos e nunca resolver o problema desses meninos, não é? Então é um somatório de problemas que a gente tem para a gente ter isso aqui, apenas quatro alunos, não é? Por enquanto. Depois a gente vai retomando também, né?

Ana Paula - E agora, Sara, falando um pouco sobre leitura e desenvolvimento de práticas de escrita. De que forma que você acredita que essa leitura vai interferir na vida escolar desses jovens estudantes que se preparam para o Enem?

Sarah Bertolli - Então tudo bem, Ana. Quero cumprimentar também a professora Maria Luiza, Carol, que está aqui nos ajudando na comunicação. A leitura é importante não só para o Enem, mas ela é crucial para a vida. Inclusive articulando com essa reflexão, esse panorama de desafios que a professora Maria Luiza trouxe aqui para a gente e esse olhar para o horizonte para se pensar e como resolver? Aonde se situa a esperança diante de tantos desafios e de um país que segrega os nossos estudantes? A gente pensar na leitura como uma força motriz é uma possibilidade de esperança. Então, a gente fortalecer a escola pública, nós fortalecermos os nossos professores, a gente ter capacitação de professores, não só a formação inicial, mas a formação continuada e espaços de leitura. Porque gente, livro é muito caro no nosso país. Não é todo mundo. E às vezes, muitas pessoas ficam nas suas bolhas achando que os dados, por exemplo, de uma pesquisa muito importante e quantitativa, que é Retratos da leitura no Brasil, que é uma pesquisa que mapeia quem é leitor, qual é o percentual de leitores e a gente está francamente em queda a cada edição, e isso é lastimável. Mas esses dados, eles revelam um problema que é político, que é econômico, que é cultural, que inclusive tem a ver com a questão do capital cultural. Então, como que a gente vai dar acesso a camadas mais populares dentro desse contexto de segregação, ao aluno que não tem condição de comprar um livro? Por isso

que é importante a gente fortalecer políticas públicas, como as bibliotecas, a gente ter espaços de leitura na escola. O papel que os institutos federais desempenham em nosso país é importantíssimo. E tem muita gente que não sabe o que é o Instituto Federal, não sabe que nós temos uma escola básica em nível de ensino médio gratuito, público, de qualidade, com professores de altíssimo nível, com uma formação de ponta, professores que inclusive são pós graduados, que tem acesso ao Congresso e que estão lá ensinando esses alunos e alunos que às vezes são marginalizados em diversas formas e que por intermédio de projetos como esse da professora Maria Luiza, tem a oportunidade de conhecer museus, eles visitaram museus.

Maria Luiza - Eles visitaram o Museu da Língua Portuguesa, obviamente. O Museu do Catavento, né? Assim foi o Museu de Arte Moderna. Sarah, se você me permite, e você também, Ana Paula, eu queria fazer um adendo que eu acho importante sobre essa importância da leitura, que é uma fala da nossa grande escritora Ana Maria Machado, né, que é muito conhecida como escritora de literatura infantil, mas também já foi presidente da Academia Brasileira de Letras. Ela fala uma questão, uma coisa que me deixa assim, que me arrepiava de dizer que a leitura é poder. E o que a gente tem que ensinar para os nossos alunos, mais do que para todo mundo, que a leitura é poder. Quem não lê abre mão do poder, não é? Abre mão da possibilidade de argumentar, de criticar, de defender, de tudo. E a gente não tem essa visão da leitura como poder. Ela ainda vai além, ela faz uma analogia, uma comparação. Onde é que estão os maiores, o maior número, onde é que está o maior número de prêmios Nobel do mundo? Está no hemisfério Norte e não no hemisfério Sul. E se você for perceber as propagandas, tudo que se dedica a leitura, eles vão dizer que a leitura é poder. Para nós, a leitura é paixão, é gosto, é isso? É claro que é. Mas ela é muito mais do que isso. Ela é poder. Então, o poder está muito mais no hemisfério norte do que no hemisfério Sul, não é? Porque lá eles já sabem. Pega o caso da França, a França na Retratos do Brasil, 7,3 livros por ano. O Brasil é 2,4, se não me engano, não é? Acho que até baixou um pouquinho. Então veja, a França sabe que a leitura é poder. O brasileiro ainda não se deparou com essa realidade, né? Fora isso, tem muitas outras coisas também, né? Mas a leitura é poder, gente.

Sarah Bertolli - sabe o que eu me lembrei, Maria Luiza, te ouvindo, de uma fala sua, do nosso Conselho Editorial. Um pensamento que você trouxe da Lygia Bojunga, livro “O Encontro”, que ela fala desse poder da leitura que constitui a casa onde nós vamos morar. Como cada tijolinho, né? É uma comparação. Cada tijolinho é um livro e constitui a casa onde vamos morar. E daí fica a reflexão para nós mesmos. Porque às vezes a gente fala assim: ai o jovem não lê, a criança não lê, mas a gente está lendo, o professor está lendo, o adulto está lendo, tá de verdade assim, lendo literatura?

Maria Luiza – e não existe mais o pai lendo o pai ou a mãe lendo para os filhos, Acabou. Não tem porque o celular tá aí, né? O celular tá aí. Então esses momentos que existiam antigamente acabaram, não existe isso mais né? E o celular hoje é a babá eletrônica desses meninos. Eles calam as crianças e calam para tudo, né? Eles calam as crianças e nos calam também. Então nos calam para criticar, para pedir, para reivindicar. Então, nós somos assim, a gente está aceitando tudo, né?

Ana Paula - Certo? E então, professora, vamos voltar um pouquinho para a sala de aula. Como você já falou sobre como a disciplina é desenvolvida lá na sala de aula. Você acredita que existem discrepâncias entre o desempenho dos alunos em relação à prova do Enem? Bons alunos. Alunos que não são tão bons e que não conseguem boas notas.

Maria Luiza - Claro, existe sim. E quando você pega uma turma de terceiro ano, eles já passaram ali pelo primeiro e segundo ano do ensino médio, já tiveram muitas ajudas e tudo, mas continua existindo uma grande discrepância entre eles, não é? E geralmente quando eu faço, como eu disse, aquela avaliação diagnóstica, eu já começo a perceber ali.

Eu tenho alunos que tiram 920 alunos que tiram 360, né? Olha aí, e por aí você vê, é como é que você vai começar, vai tentar equiparar aquilo, não é? Então, é um dos fatores que me mostram essa discrepância, exatamente aquela que eu falei, é a competência dois da grade de correção do Enem, das redações do Enem que trabalham três itens, que é o tipo textual da redação, o tema que a pessoa não pode fugir do tema e também a questão do repertório sociocultural, histórico e por aí vai, né? Então eu começo o meu trabalho muito por isso aí, muito por essa parte. Porque a competência cinco, a competência quatro, elas são quantitativas. Então eu mostro para os meus alunos como é contando nos meus dedos como é que eles podem tirar 200 e eles rapidamente conseguem ir atrás desse prejuízo, porque elas são quantitativas. Se você usa cinco elementos válidos na competência cinco, que é da proposta de intervenção, você já tem 200 pontos. Quais são esses elementos? Aí eu mostro para os meninos, aí vou trabalhando com eles e tal, mas elas são mais fáceis. A competência cinco e a competência quatro, mas a competência dois, ela é muito difícil. A mais difícil de todas é a um. Essa aí é a que, como diz o povo, né, “derroba” os nossos alunos, né? É essa que derroba. Porque uma crase, uma pontuação, uma vírgula, tantas questões. É muito difícil de a gente conseguir o 200. Eu assim, sempre sou muito realista com os meus alunos. É impossível. Não, não é. Eu já tive muitos alunos que chegaram a 900 esse ano, 960, 980. Esse ano eu tive, o ano passado também. Por que eles geralmente não chegam a 1000? Por conta da competência um. Mas a dois, o que que eu faço para trabalhar essa discrepância? Aí eu começo a trazer muito material para a sala de aula, muito material, e eu os obrigo a utilizar esse material na redação. Vou dar um exemplo: uma das primeiras aulas que eu trabalho é o filme Escritores da Liberdade, que eu gosto demais e depois eu já entrego um diário para os meus alunos escreverem um diário. Os alunos hoje não escrevem a mão. Eles escrevem no computador, no celular, a mão é muito difícil. Então eles tem que escrever 30 dias da vida deles num diário que eu entrego para eles depois do filme. Mas aí eu dou um tema para eles, ligado a educação, passo aquela música - porque eu também sou professora de inglês - Another brick in the wall, aí tem textos do Karnal, textos do Rubem Alves. Todo mundo conhece Gaiolas e Asas, né? E por aí vai. E eles são obrigados a utilizarem esses textos, esses filmes, essas músicas como repertório sociocultural. E eu ainda explico a maneira que eles vão fazer, porque não é apenas só jogar ali e falar o filme tal, tal, tal. Não, não é assim. Você tem que utilizar de uma forma produtiva, né? Você tem que saber argumentar aquele texto, aquela música, aquele filme que você traz para ajudar na sua argumentação. Então eu tento fazer. É muito pouco tempo. Um ano é pouco tempo demais. Então toda aula nossa de produção textual tem alguma coisa nova, né? Tem que ter alguma coisa nova para eles. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Aí eu faço também, eu pego divido a turma em cinco grupos, seis, sete para cada um. Eu dou, por exemplo, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso e a Constituição Federal, tantas outras coisas que a gente pode trabalhar. Então eles vão trabalhar aquilo ali, mostrar para os alunos, apresentar. E obrigatoriamente tem que utilizar numa redação. Então a prática, o jeito de fazer. Porque, gente, não adianta. Todo mundo, os gramáticos, os professores, os linguistas arrepiam quando eu falo isso. Mas é verdade, a redação do Enem é uma receita. E eu dou a receita para os meus alunos. É dessa forma que eu consigo diminuir essa discrepância que eles têm. É só assim, sabe? Então, eu fiz em 2021 um estudo exatamente disso aqui: 6,5% dos alunos conseguem nota de 800 a 900, 2,5% de 900 a 1000. Ou seja, 9% dos alunos que fazem o Enem (eu não sei esse ano, eu tô dizendo de 2021, que foi o que eu fiz, né?) conseguem tirar de 800 a 1000. O percentual dos meus alunos que fizeram Enem 2021 foi de 64%. Por quê? Porque eu dei a receita. Pronto. Gostem ou não, mas eu sou uma cozinheira de mão cheia.

Ana Paula - E vamos voltar para a leitura um pouquinho. Então, Sara, de que maneira (a professora Maria Luiza já explicou um pouco sobre rotina, sobre o que ela faz, a receita dela na sala de aula), como é que você acha que a escola, os professores e também o trabalho em casa pode contribuir para que essa prática de leitura e escrita seja uma rotina no desenvolvimento desses estudantes?

Sarah Bertolli - Certo, olha só, antes eu vou só comentar. Você falou de leitura e escrita, desse binômio e que às vezes a gente segmenta muito as práticas de linguagem. Quando a gente vai para a BNCC, a gente vê que são quatro a oralidade, a análise linguística, a leitura e a escrita. E, na verdade, precisaria se ter uma palavra única, integral, que representasse essa conjuntura. Porque uma aula de língua portuguesa a gente não fala assim: ah, hoje vai ser aula de oralidade, vai ser aula de leitura. Não, é uma conjuntura só. E tem um livro da Marianne Wolff, que é neurocientista, pesquisadora dos letramentos e que estuda os desafios da leitura na nossa era. O nome do livro, anotem aí, é :O cérebro no mundo digital. E o que ela vai pesquisar? Como que está o cérebro do leitor, do leitor de hoje, do sujeito de hoje, tanto de jovens quanto de adultos. E na pesquisa dela, detectou algumas questões muito sérias. As pessoas hoje, na verdade, é sério, mas a gente já sabe, né? Você que está nos ouvindo, você sabe porque às vezes você está lendo um texto, um artigo, uma notícia e daí você vai para o segundo parágrafo e você não sabe o que estava no primeiro parágrafo que você acabou de ler. Você não lembra o que acontece com a sua cabeça. Então essa neurocientista ela vai explicar que, em decorrência (e daí volto até numa fala da professora Maria Luiza) em decorrência do uso exagerado das novas tecnologias do celular e do computador, o leitor de hoje ele faz uma leitura que é em F. Como que é essa leitura em F. A leitura que a gente faz no Instagram, no Facebook, quando a gente vai ver uma legenda, por exemplo, a gente pensa no formato composicional do Instagram, tem a foto e tem aquela legenda, né? Eu escrevo legendas enormes, tem gente que é mais conciso. E aí você vai pegar uma notícia, uma legenda grande no Instagram, você vai ler em F a primeira sentença, a primeira frase ali, a primeira linha. E daí você vai captar de forma verticalizada, com palavras chaves para tentar detectar o que que é que está se comentando ali naquela legenda. E volta e meia você vai ler alguma sentença assim, integral e atenta e compreendendo, né? Senão aí você vai ter lacunas, inclusive nessa interpretação. O leitor de hoje, segundo os dados dessa pesquisadora, ele transpõe esse movimento que é ocular, cerebral, cognitivo da leitura em F no contexto digital para outros meios, para outros suportes de leitura, inclusive o livro. É importante, como uma primeira reflexão, que a escola, que o professor, que os responsáveis por esses jovens, que nós mesmos desenvolvamos essa habilidade de distinguir os diferentes tipos de leitura. Porque não tem como ler um post de fofoca no Instagram da mesma forma que a gente precisa ler, por exemplo, Machado de Assis. É importante entender qual é a profundidade que a gente dá para esses suportes. Não pode ser a mesma profundidade. E daí eu lembro, já que a gente está falando de autores e livros, da nossa grandiosa Marina Colasanti, que ela tá aí cotada para um grande prêmio que é conhecido como Nobel de Literatura Infanto-juvenil no mundo. Tomara que ganhe. Ela merece muito. E ela diz o seguinte: que o professor que não é leitor, ele não vai conseguir formar um leitor sequer, porque leitura é contaminação amorosa. Então ela traz esse pensamento. É inoculação, não tem como. Como que a gente vai ensinar aquilo que a gente não faz? E os alunos eles estão atentos, eles observam. Eles se sentem instigados, impulsionados pelas nossas próprias práticas, né? E só um comentário sobre esse livro também, a Marianne Wolff, ao falar sobre os processos de leitura profunda, ela vai colocar no mesmo balaio a leitura e a escrita, porque a escrita (o insight) vai ser justamente um processo gerativo dessa leitura, desse apanhado de repertórios, dessa interpretação, da análise crítica daquilo que se lê. Então, a partir desse repertório, o aluno

vai se impulsionar para poder produzir, para poder gerar ali o seu conhecimento, para argumentar, por exemplo. Se a gente pensa na redação do Enem.

Maria Luiza - Quando eu estudava na faculdade, eu jamais me imaginei como escritora de livros. Jamais, jamais. Sempre gostei de ler e tal, mas eu nunca tinha me imaginado. E essa questão que a Sarah acabou de falar você vai lendo, você vai lendo, você vai lendo. Tem uma hora que você sente vontade de colocar tudo isso no papel, sabe? Então, e daí os nove livros que eu já escrevi, né? Porque é a vontade que você tem de compartilhar, da Lygia Bojunga Nunes, de criar, né? De construir os seus tijolos para que outras pessoas também, outras crianças, construam a casa onde ela vai morar. Então isso aí vai, começa a ter aquela vontade de sair, de sair, de sair, né? Por quê? Porque você tá cheia de leitura, né? Confesso até que eu tô precisando fazer isso, sabe? Ler mais. Porque eu parei no livro e agora acabou, minha filha, eu não tô tendo muito tempo, né? Ai essa questão do tempo. Daniel Pennac fala, né? O tempo para ler é um tempo roubado, né? Roubada as novelas, as saídas, as festas, ao celular, né? Porque todo mundo fala isso: eu não tenho tempo para ler. Mas quando você diz que não tem tempo para ler, é porque a vontade não está lá. É uma escolha, né? Daniel Pennac.

Ana Paula - Certo. Agora a gente já está quase caminhando para o final. Bom, professora Maria Luiza, nós sabemos que existem gargalos, vários, né? E que precisam ser superados na escola pública do Brasil, como você já mencionou. E na sua opinião, o que é mais urgente, o que precisa ser feito de imediato para tentar superar um pouco essa questão problemática que temos?

Maria Luiza - Esse podcast vai até amanhã? Risos...São tantas coisas, são tantas emoções, né? Mas eu acredito que a primeira delas é vontade política, né? A vontade política de produzir as políticas públicas para a educação.

E eu acredito que até hoje o Brasil, infelizmente, não teve ainda um presidente que levasse a educação como de fato ela deveria ser levada. A gente vê no hemisfério norte, Finlândia, Canadá, Estados Unidos, tantos outros lugares que trabalham aí, que tem o Pisa, né, que estão no Pisa em primeiro lugar. Por quê? Porque tem vontade política. Porque se investe na educação. Todo mundo sabe que investir na educação não é gasto, é investimento. Mas as nossas escolas públicas estão aí, caindo aos pedaços, não é? E não tem bons. E porque escola pública não é só a sala de aula, de jeito nenhum. Eu acho que falta para nós quadras poliesportivas, uma natação, uma piscina para você nadar ali. Eu me lembro do Michael Phelps, quando ele ganhou aqui no Brasil. Ele falando assim que aprendeu a nadar na escola pública dele nos Estados Unidos. Ele dispensa comentários, né? E eu me lembro que na época eu era Superintendente de Ensino Fundamental. Michael Phelps é um americano que mora num país em que quase seis meses por ano a temperatura chega até a ser muito abaixo de zero. Nós moramos num país tropical. Na época eu estava andando muito, estava andando muito pelo Estado de Goiás, né? Porque a gente instituiu a escola de tempo integral, e eu ia exatamente para ver as dificuldades que as escolas tinham. E aí, quando ele deu essa declaração eu pensei: poxa, Goiás está em um país tropical, em um calor de 40 graus, de 38, de 36, as nossas escolas não têm um tanque para as crianças se divertirem, nenhum. Quer dizer, a gente sabe que a prática de uma atividade física ela é extremamente importante, a nossa escritora vai falar isso, a neurocientista Marianne vai dizer isso, que é todo um cômputo geral que a pessoa precisa, que as nossas crianças precisam. Elas precisam de arte, de educação física, de espaços, de música, dança, elas precisam disso. E precisam de um bom laboratório, de tanta coisa. E as nossas escolas ainda estão capengas. Então, a infraestrutura para mim é a primeira questão, porque ela vai incidir diretamente no aprendizado dessas crianças. Professores mais bem preparados, a família mais dentro da escola. É preciso que família e escola saibam, tenham consciência de que uma não pode competir e não deve competir com a outra. Isso daí tem

que caminhar juntos, trabalhar juntos, e muitas vezes o que acontece é o professor falar mal da família e a família falando mal do professor. Não pode. Então são “n” motivos, mas para mim, a estrutura física, professores mais bem preparados (e para isso a gente sabe que precisa de um salário melhor), dedicação exclusiva (para que o professor esteja em uma única escola e possa desenvolver projetos com os alunos). Por exemplo, um professor de Educação Física que podia cooperar, ajudar, somar em uma escola, ele não fica só em uma escola, ele não tem condições para ficar só em uma escola, porque ele não tem carga horária o suficiente para fechar as 40h semanais, daí ele fica pulando de lugar em lugar. E isso é em geografia, história. Só em matemática e língua portuguesa que consegue ficar na mesma escola, as outras disciplinas, geralmente, não conseguem. Quer dizer, o quanto a gente perde com essa falta de identidade, de pertencimento de um professor na mesma escola. Graças a Deus o Instituto Federal Goiano é dedicação exclusiva, a gente tem essa possibilidade. Mas e as outras? As redes municipais e a rede estadual que não tem isso? Então precisaria de uma revolução enorme dentro da educação brasileira para que esses problemas todos que nós levantamos aqui, se eles não fossem sanados de vez, pelo menos minimizados. Mas eu não vejo de parte da sociedade, dos políticos brasileiros, da família brasileira, da escola brasileira, uma vontade para que tudo isso aconteça. O que acontece é cada um dando ao outro a responsabilidade que muitas vezes está nele mesmo, então eu acho que é o somatório de problemas que a gente tem.

Ana Paula – Então, partindo para a nossa última pergunta. Sarah, na sua opinião, o modelo dissertativo-argumentativo que é atualmente cobrado na redação do Enem engessa a escrita dos alunos ou ele na verdade prepara esses alunos para o futuro desafiador que eles vão ter pela frente?

Sarah Bertolli – Então, eu vou responder com alternativa também, já que a pergunta traz essa conotação. O modelo dissertativo-argumentativo, que se tornou uma demanda de mercado, virou até uma insanidade, nas mídias sociais só se fala nisso, inclusive por conta que nem todos os professores vão levar para o museu, não é professora Maria Luiza? Infelizmente, por questões várias, inclusive dos desafios da própria carreira. Mas, para o aluno engessa, porque ele vai seguir aquilo ali e no seguinte sentido que eu vou defender que engessa: por vezes, esse aluno do Ensino Médio não vai ter outras oportunidades de escrita, porque como vai ter a produção, o texto dissertativo-argumentativo do Enem lá no fim, no fim do segundo e no terceiro ano, vai ser a produção que ele vai ter que escrever, tem professor que vai focar só nisso. E aí o aluno vai passar o Ensino Médio inteiro só produzindo textos desta tipologia, sem ter contato e sem ter esse potencial criativo do poema, do conto, da fábula, em fim da diversidade toda de gêneros textuais que nós temos, então ele vai focar só naquilo ali. Entretanto, eu acredito que as práticas pedagógicas argumentativas são muito importantes, você saber argumentar e mesmo quando o professor só foca, vamos pensar no professor que só vai focar na dissertação argumentativa, ele vai ter que trabalhar as cinco competências, vai ter que trabalhar com repertório, ele vai ter que trabalhar, mesmo que seja ali uma leitura que não tenha tanto debate, mas o aluno vai ter contato, mesmo que seja minimamente, com as habilidades argumentativas, ele vai ter que defender o seu ponto de vista, vai ter que ter autoria. E isso vai ser na oralidade e isso vai ser na escrita. Isso vai ser importante para esse futuro, essa esperança de futuro melhor que esse aluno, principalmente o aluno da escola pública, deseja. Então eu penso que é uma faca de dois gumes, e eu entendo que no cenário atual hoje, do Brasil, com essa revolução que a gente teve, porque antes era vestibular, essa revolução do Enem que nós tivemos a partir de 1998, é muito complicado agora a gente pensar em um outro modelo onde se contemple três opções gêneros textuais, como a gente tinha em muitas Universidades. E ainda temos algumas hoje, a gente tem algumas que mantém: FUVEST, UFPR e outras aí que trabalham também. Eu lembro que quando fiz

vestibular na UFG, a alguns anos atrás, eu lembro que tinha a possibilidade, inclusive, de conto. E eu achava aquilo incrível. Quando eu comecei também como professora tinha essa possibilidade de você criar textos narrativos e, infelizmente, muitas escolas deixaram de trabalhar isso na sua grade de conteúdos. E por uma escolha, para poder, inclusive, competir com esses modelos que estão aí se fortalecendo cada vez mais, de iniciativa privada, internet. Eu só queria compartilhar uma memória de como é importante o professor sentir a sua turma, porque as vezes o professor quer engessar o modelo, dar a mesma aula para o terceiro ano A, B, C, D, E, F e G e, cada turma tem a sua característica, porque cada ser humano é único. Então, por exemplo, eu era professora de Literatura de uma escola e a minha chefe, minha coordenadora, que não era líder, era chefe mesmo, ela me cobrava loucamente que os alunos lessem Guimarães Rosa, Machado de Assis e eles não queriam ler, sabe Maria Luiza? Era muito difícil. E eu lembro que eu peguei um terceiro que até hoje eu tenho amizade com alguns desses alunos, porque sabe aquela turma que foi tão desafiadora que te marcou para o resto da vida? E eles não queriam ler, eles me enrolavam, eu passava trabalho e eles pegavam resumo da internet, era o caos. E eu percebi que faltava nesse binômio de leitura e escrita uma terceira via que é da afetividade e que, por vezes, quando a gente pensa em modelos engessados, a gente tira a literatura de jogo e a literatura ela tem um potencial para a afetividade também, para a formação afetiva. E aí eu lembrei de um livro que eu lia para o Gabriel, meu filho, a Giovanna ainda estava encomendada Ana, assim como a Isis, estava na barriga, eu lia “Adivinha o quanto eu te amo”, um livro que é um conto acalanto, sabe dessas histórias antes de dormir. E eu levei, coloquei na minha mochila - mochila de professor vive pesada - esse livro. Eu falei: vou ler esse livro para esses meninos do terceiro ano. E eu lembro até hoje da emoção de ler os livros para aquela turma, esse livro, “Adivinha o quanto eu te amo” que é a história de um coelho pai e um coelho filho que eles ficam competindo quem que ama mais, e o pai fala assim: Eu te amo até aquela altura das árvores, eu te amo a altura do meu pulo. Aí o coelhinho fala: Eu te amo até a lua, e dorme. O pai fala assim para ele, depois que ele já está com os olhinhos fechados: Pois eu te amo até a lua ida e volta. Eu terminei de ler Ana, Maria Luiza, e metade da turma estava chorando, metade da turma. E teve uma aluna que me procurou depois e me falou assim: Professora, foi a primeira vez que alguém me leu uma história dessa, de antes de dormir, e eu sempre quis, e meu pai e minha mãe não tiveram tempo de ler para mim. Então nós não podemos tirar da equação a afetividade, não podemos tirar a literatura das nossas aulas de redação, mesmo que sejam aulas de textos dissertativo-argumentativo.

Maria Luiza –só completando...Lembrei agora de uma fala, de uma escrita do Roger Chartier, que ele fala o seguinte: os alunos leem, mas eles leem literatura selvagem. O que é literatura selvagem que o Roger Chartier fala (ele que é o papa da leitura no mundo ocidental)? São as leituras não autorizadas pelo cânone escolar. Então, que o bom professor saiba utilizar essas leituras selvagens que os alunos gostam e leem e os traga para as leituras escolares. As vezes nem precisa trazer, porque tem tanta coisa boa. Eu, depois de ler tanto, de falar sobre leitura, pesquisar sobre leitura, escrever sobre leitura, eu vou dizer para vocês: toda forma de leitura vale a pena. Pronto, falei!

Ana Paula – tá certo, gente! Eu acho que é isso. Muito obrigada minhas convidadas, Maria Luiza, Sarah, ao nosso apoio técnico, Carol. Foi ótimo, foi muito bom, foi uma aula que nós tivemos aqui sobre leitura, escrita, literatura, redação do Enem. E é isso! Obrigada a todos que estão no ouvindo e até a próxima.

APÊNDICE B – transcrição alunas Instituto Federal Goiano – Samira (Campus Trindade) e Ana Cláudia (Campus Avançado Ipameri)

Ana Paula – Prezada Samira/Ana Cláudia, primeiramente, quero te cumprimentar e parabenizar pelo sucesso em sua redação no Enem 2023. Sabemos que atualmente o índice de redações excelentes no Enem tem caído ano após ano, especialmente nas escolas públicas, e seu resultado nos mostra que os alunos dessas escolas podem ter sucesso nessa caminhada. Conta para nós como foi a sua preparação para essa prova?

Samira – Primeiramente obrigada pelo convite Ana Paula, é um prazer estar participando do seu *podcast* e nossa né, a temida prova do ENEM. Eu acredito que seja uma das provas mais faladas de todo o ensino médio e eu acho que também uma das mais esperadas e é isso. Em se tratando da minha preparação para a prova eu acho que eu resumiria em revisão dos conteúdos e prática da redação. Ah não foi fácil porque tinha o desafio de conciliar o terceiro ano do ensino médio junto com os estudos focados mais para o ENEM e ainda mais se tratando de um instituto federal que também tem as matérias técnicas né? Então você praticamente mora no campus. Então sempre que eu conseguia encaixar, eu revia algum conteúdo dos anos passados, fazia exercícios e, principalmente fazia redação, porque querendo ou não eu sempre tive um pouco de dificuldade.

Ana Cláudia – Olá, Ana Paula, primeiramente, gostaria de agradecer pelo convite e dizer que é uma honra poder compartilhar o pouco que sei com outras pessoas. Gostaria de agradecer também pelos parabéns e dizer que é ótimo ter esse reconhecimento. A minha preparação foi muito tranquila. Nós alunos da Maria Luiza tivemos um treinamento bastante rigoroso da parte dela. Eu especificamente participei da oficina de redação. Que era ministrada por ela. Durante todo o ano ela sorteava cinco pessoas para participar. Na oficina era ensinado passo a passo de como fazer uma redação nota mil. Fora esse projeto tínhamos redações para fazer e entregar toda semana. Ou seja, foram inúmeras redações feitas dentro de um ano. De dois em dois meses tínhamos que ler livros para fazer avaliações e trabalhos. Com isso despertando mais ainda o interesse na leitura e na escrita.

Ana Paula - Em relação às leituras e vivências ofertadas pela escola e professores, o que você destacaria como fundamental para o seu desempenho?

Samira – Olha eu posso dizer que houveram três coisas que foram uma mão na roda para mim. A biblioteca do campus, o contato próximo com os professores, e os projetos de ensino. A biblioteca porque ter acesso a ela me permitiu ler e descobrir tantos livros que antes eu não imaginaria quando eu poderia ler eles ou não conseguiria imaginar que eu teria acesso a eles entende? Eh a outra coisa também seria a proximidade que se podia ter com os professores através dos atendimentos, através dos e-mails. Então isso ajudou demais e também tem os projetos de ensino que eu participei, como uma oficina de redação, também tinha um projeto de cinema. Então todos eles traziam um grande repertório que ajudou bastante na prova.

Ana Cláudia - Acredito que as leituras e vivências oferecidas pela escola e pelos professores são fundamentais para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Elas me ajudam a expandir o meu conhecimento, a compreender diferentes perspectivas e também a desenvolver habilidades críticas. Além disso permitem explorar novos temas e assuntos que podem ser relevantes para a minha formação.

Ana Paula - Qual a sua familiaridade com a Língua Portuguesa, interpretação de textos e Redação? Sempre gostou de ler e escrever?

Samira – Olha, eu confesso que eu nunca fui muito de escrever e eu sempre tive dificuldade de me expressar na escrita, então nunca foi um ponto forte meu. E a minha interpretação ela veio melhorar mais só depois que eu entrei no ensino médio. Mas sobre a leitura eu sempre gostei de ler, numa fase da minha eu não tive tanto acesso aos livros,

principalmente na pandemia né? Então quando eu podia eu pedia emprestado para uma amiga ou outra e eu sempre gostei muito de romance infanto-juvenil eu amava Harry Potter, na verdade eu ainda amo, mas só depois que eu entrei no Instituto Federal que eu conheci e passei a ler mais obras literárias e outras clássicas nacionais também.

Ana Cláudia - Eu tenho bastante familiaridade com a língua portuguesa, interpretação de textos e redação. Afinal, esses são aspectos fundamentais para a comunicação eficaz. Sempre gostei de ler e escrever, pois acredito que essas habilidades são essenciais para expressar ideias. Compreender o mundo ao nosso redor e expandir o conhecimento. Além disso, a prática da leitura e da escrita contribui significativamente para o desenvolvimento da capacidade analítica e crítica.

Ana Paula - Além de treinamento, estudo, o que você aponta como o diferencial para o sucesso da sua caminhada?

Samira – Eu diria que é a disciplina né? Eh eu tenho a convicção que sem isso provavelmente não dá certo. E eu acredito que isso seja para tudo mesmo.

Ana Cláudia - Além do treinamento e estudo, acredito que o diferencial para o sucesso da minha caminhada está na capacidade de manter a motivação, persistência e adaptabilidade. A disposição para enfrentar desafios, aprender com os erros e também buscar constantemente o aprimoramento. Também é importante cultivar relacionamentos saudáveis, buscar mentoria e apoio quando necessário. Além de estar aberto a novas oportunidades e experiências que possam contribuir para o crescimento pessoal e profissional.

Ana Paula - O que você diria para outros alunos que se preparam para fazer o Enem nesse ano de 2024, quais seriam suas dicas?

Samira – Bem, eu diria, aprendam a estrutura da redação. É sério, se você conseguir aprender a estrutura da redação, o resto vai ficar muito mais fácil. Porque redação é a parte da prova que mais te dá chance de tirar uma nota mil, uma nota máxima. Então você conseguir aprender a estrutura, o resto vai ficar muito mais fácil para você. Outra coisa também que eu diria é fique antenado no que está acontecendo no nosso país, no Brasil. Veja notícias, busque saber mais do que está acontecendo. Em todos os âmbitos possíveis que você puder. E também leia mais obras literárias brasileiras. Ou pelo menos tente conhecer sobre elas ou tente conhecer um pouco dos seus autores que isso já traz bastante repertório para você. Outra coisa também, faça bastante exercício de todas as matérias porque é muito importante você aprender teoria, mas você exercitar é que vai realmente pôr a prova se você aprendeu ou não aquele conteúdo. Outra coisa que eu já falei antes é ter disciplina. Foque nas matérias que vão pesar mais para você, porque dependendo do curso tem seus pesos, então é importante você estudar tudo mas focar um pouco mais nas matérias que vão pesar mais para o curso que você escolher. Outra coisa, por último né, tenha fé em si mesmo e otimismo, é um momento de muita pressão e às vezes a ansiedade pode atacar bastante para muitos. Então relaxa, vai dar tudo certo e não se esqueça de também ter seus momentos de diversão também, não deixe de viver por causa disso, estude é muito importante, mas também faça as coisas que você goste, e tenha fé em si que no final vai dar tudo certo.

Ana Cláudia - Para os alunos que estão se preparando para fazer o ENEM dois mil e vinte e quatro eu diria que é fundamental estabelecer uma rotina de estudos consistente, priorizando as matérias que apresentam maior dificuldade e revisando constantemente os conteúdos aprendidos. Além disso, é importante praticar a resolução de questões de anos anteriores para se familiarizar com o estilo e a abordagem das provas. Além de buscar por simulados online ou presenciais para testar seus conhecimentos em condições semelhantes às da prova.

O cuidado com a redação também é essencial praticar a escrita, estar atento as atualidades e desenvolver a capacidade de argumentação são aspectos chave para obter um bom desempenho nessa parte do exame e claro não se esqueça de cuidar da sua saúde física e durante esse período de preparação. Descansar adequadamente e manter um equilíbrio entre os estudos e o lazer é fundamental para um bom rendimento.